

7 Conclusão

Nesta dissertação, buscamos fazer um estudo sobre o fenômeno dos verbos meteorológicos flexionados no plural em Português Brasileiro no contexto de orações relativas. Diante de dados anedóticos, colhidos na *internet*, em que se tinha verbos meteorológicos flexionados no plural tanto em contexto de orações matrizes quanto em contexto de orações relativas, consideramos duas possibilidades de explicação: que estes seriam licenciados pela gramática do PB, que, segundo muitos autores, vem passando por um processo de mudança no que diz respeito ao parâmetro do sujeito nulo (uma questão de *competência* linguística); ou seriam casos de lapsos de concordância devidos a questões procedimentais (uma questão de *desempenho*).

Partimos da hipótese de trabalho de que (i) verbos meteorológicos no plural em relativas cortadoras são licenciados pela gramática da língua visto que essas construções são geradas a partir de uma posição de tópico, posição esta que pode, na gramática do PB, desencadear a concordância; (ii) verbos meteorológicos no plural em relativas padrão não são licenciados pela gramática da língua, dada a natureza preposicionada do elemento relativizado que impede que uma estrutura de tópico seja assumida. Nessas construções, verbos no plural constituem lapsos de concordância.

A revisão da literatura psicolinguística permitiu traçar um panorama da discussão sobre o estabelecimento da concordância na produção e na compreensão de sentenças. Segundo essa literatura, os lapsos de concordância, na produção, poderiam ser vistos (i) a partir de um modelo de percolação de traços implementada por meio de um mecanismo de cópia ou de unificação de traços no âmbito de *Incremental Procedural Grammar* (IPG), de orientação lexicalista; (ii) como decorrentes de um processo de *retomada*, no momento do estabelecimento

de traços do verbo, de um termo com traços compatíveis com o de um elemento *controlador*; ou (iii) como resultantes um processo de antecipação, caso em que, a partir de uma representação de um elemento inicial *controlador* gerada por um *parser* monitorador, faz-se uma previsão equivocada dos traços do *alvo*, a qual pode afetar a codificação morfofonológica deste termo. Todas essas propostas, como vimos, são informadas por pesquisas relacionadas a lapsos de concordância, geralmente em estruturas de DP complexo.

Os estudos que abordam os lapsos a partir da perspectiva da compreensão são mais raros. Isso parece ocorrer porque a percepção de um lapso, na produção, é mais imediata, já que um lapso gera marcas morfofonológicas equivocadas. Na compreensão, porém, a percepção de incompatibilidades de número entre o controlador e o alvo só pode ser abordada de maneira indireta. Sua investigação, portanto, requer ou técnicas de julgamento de gramaticalidade ou análise de tempos de reação em sentenças que contêm e que não contêm lapsos. Duas linhas de explicação são consideradas para o caso da compreensão: (i) uma abordagem que considera que a verificação da compatibilidade de traços entre o elemento controlador e o alvo se efetiva a partir de um processo de retomada; e (ii) uma abordagem que considera não só a retomada mas também a possibilidade de um processo de previsão que, no caso de incompatibilidade, ativaria um procedimento de reanálise.

Na literatura sobre lapsos, as estruturas relativas não são diretamente tomadas como tópico de investigação. Apresentam-se apenas como estruturas relevantes no contraste de hipóteses em que questões relativas a distância linear e hierárquica são cotejadas para explicar possíveis efeitos de atração.

A fim, então, de promovermos uma primeira aproximação com o fenômeno em estudo, reportamos os dados de dois experimentos. O primeiro buscou verificar a produção, em contexto controlado, de verbos meteorológicos plurais em orações relativas cortadoras e padrão. Como indicado acima, nossa hipótese era a de que os falantes do PB somente produziriam verbos meteorológicos plurais com as primeiras, mas não com as segundas. Os resultados foram justamente nessa direção, nos informando, ainda, que a frequência de verbos meteorológicos plurais em relativas cortadoras em muito superava aquela geralmente encontrada

em experimentos que investigam lapsos de concordância. No caso das relativas padrão, porém, a frequência de verbos meteorológicos plurais poderia ser efetivamente associada a lapso. O segundo experimento, partindo então dos resultados do primeiro, foi realizado apenas com relativas cortadoras, e tinha por objetivo investigar o comportamento dos falantes frente a sentenças em que o verbo está no plural ou no singular, por meio dos tempos de reação, capturados em uma tarefa de leitura automonitorada. Os resultados nos indicaram que os falantes têm tempos de reação semelhantes (não distintos estatisticamente) tanto para verbos meteorológicos plurais quanto para verbos meteorológicos singulares. Tomados em conjunto, esses resultados apontam que a flexão plural em verbos meteorológicos em orações relativas padrão constituiriam casos de lapso ao passo que, nas cortadoras, poderiam ser, em princípio, considerados como licenciados pela gramática da língua.

Sendo assim, buscamos fornecer uma explicação gramatical para tais verbos, considerando, para tanto, a discussão que vem sendo realizada sobre os aspectos característicos da gramática do Português Brasileiro. Abordamos, então, a possibilidade de o PB estar num processo de mudança de língua de sujeito nulo para língua de sujeito preenchido. Nesse processo, diz a teoria linguística, tal língua deveria passar a apresentar sujeitos expletivos plenos. Verbos meteorológicos, que são justamente verbos que apresentam expletivos nulos, deveriam, então, seguir esse caminho. Não é o que ocorre nas relativas cortadoras, porém, já que o que temos, nesse caso, são sintagmas referenciais disparando a concordância do verbo. Nesse sentido, foi importante investigar a caracterização do PB como uma língua de tópico e, mais especificamente, a possibilidade de tópicos desencadearem a concordância do verbo, nas ditas estruturas de tópico-sujeito. Propusemos, então, que sentenças com verbos meteorológicos poderiam ser derivadas segundo as propostas de Avelar & Galves (2011) ou Munhoz & Naves (2010, 2012) para as construções sujeito/tópico. De acordo com os primeiros autores, a categoria T, em PB, seria ϕ -independente, podendo, em alguns casos, abrigar em seu especificador elementos não nominativos, como sintagmas locativos/temporais. Já Munhoz & Naves (2010, 2012), assumindo Miyagawa (2010), propõem uma posição extra entre CP e TP, no caso α P, que

poderia abrigar o tópico e que, por receber os traços ϕ de C, permitiria a concordância com o verbo. Para essas autoras, as construções de tópico-sujeito estariam relacionadas a dois tipos distintos de verbos, os ditos inacusativos monoargumentais e os ditos inacusativos biargumentais. Nos primeiros, um único argumento seria subdividido em dois componentes, que estabelecem entre si uma relação de parte-todo e um deles (o todo/o possuidor) sobe para uma posição inicial. Nos segundos, que apresentam dois argumentos, um deles (o locativo) é o elemento que é alçado para o início da sentença.

Essas questões, no entanto, precisavam ser relacionadas, ainda, às estruturas de orações relativas. Nesse sentido, adotamos a proposta de Kato & Nunes (2009), que assumem *Raising Analysis* (Kayne, 1994) para a descrição das relativas do PB. Os autores postulam que as relativas cortadoras do PB devem ser geradas a partir de uma posição à esquerda da sentença (*Left Dislocation*). Como, nas sentenças aqui em estudo, o sintagma locativo está alocado em uma posição de tópico, é justamente esse o elemento a ser relativizado nas cortadoras do Português Brasileiro. Logo, a questão da concordância, nas relativas, ficaria explicada. Verbos meteorológicos estariam concordando com um sintagma tópico que, nas orações relativas cortadoras, foram relativizados. Nas relativas padrão, porém, isso não acontece, de modo que fornecemos, assim, uma explicação única para a alta frequência de relativas cortadoras com verbos plurais e para a baixa frequência de relativas padrão com verbos também no plural. Nessas, quando ocorre, a concordância seria um caso de lapso. Podem ser tomados como evidências para essa hipótese os resultados de um experimento de julgamento de gramaticalidade em que se contrastou a taxa de julgamentos de verbos meteorológicos a, por um lado, a taxa de julgamentos de verbos inergativos e, por outro, a de verbos inacusativos (mono e biargumentais), todos nas mesmas condições estruturais. Os falantes do PB, como esperado, comportaram-se, diante de meteorológicos, como se comportaram diante dos inacusativos e diferentemente dos inergativos.

Adotamos, ainda, o *Modelo Integrado da Computação On-Line* (MINC), apresentado inicialmente em Corrêa & Augusto (2007) e buscamos fornecer derivações adequadas para as sentenças estudadas neste trabalho. Essa

aproximação com o modelo foi importante porque nos permitiu, nos moldes do sugerido por Rodrigues (1996), que adota a noção de um *parser monitorador* para explicar os erros de atração em DPs complexos, formular uma explicação para os casos de lapsos de concordância em relativas padrão, que estariam relacionados a um momento pós-sintático, no qual a atuação de um *parser monitorador* interferiria na codificação morfofonológica do verbo, mesmo tendo este estabelecido uma concordância adequada no componente sintático.

Por fim, o comportamento não sistemático dos sujeitos que realizaram os experimentos aqui reportados, que, ora produziam relativas padrão, ora cortadoras e, que, em sentenças relativas cortadoras, ora produziam verbos no plural, ora verbos no singular, foi associado à proposta de Kato (2005), de que os falantes letrados do PB seriam diglössicos, ou seja, possuiriam uma *gramática nuclear* na qual estariam as marcações paramétricas de sua língua materna, mas também possuiriam uma *periferia marcada*, na qual estariam aspectos da escrita letrada culta. O que parece acontecer no caso dos verbos meteorológicos em relativas cortadoras é que os falantes possuem uma gramática inovadora que permite o plural, mas que, devido a pressões da escrita, ou seja, das regras presentes na periferia marcada, transitam entre este e o singular.

Tais dados, todavia, constituem apenas uma primeira abordagem do fenômeno dos verbos meteorológicos do PB, que carece de estudos mais aprofundados. Nesse sentido, evidências mais robustas poderiam ser obtidas através de estudo sociolinguístico ou psicolinguístico que contrastasse falantes de vários níveis de escolarização, digamos, falantes do Ensino Fundamental I, do Ensino Fundamental II, do Ensino Médio e universitários; ou mesmo num estudo de tempo aparente, com falantes de diversas faixas etárias. Um experimento de produção nos moldes daquele que apresentamos em capítulo precedente pode ser útil nesse sentido. Caso a frequência de verbos no plural seja significativamente maior para os falantes com menor escolarização, tem-se uma evidência robusta de que é realmente uma pressão da escrita sobre essa gramática inovadora. O estudo de tempo aparente, por sua vez, poderia mostrar se essa gramática inovadora realmente existe nos falantes mais jovens e se é inexistente nos falantes mais velhos. Os resultados assim obtidos permitiriam traçar um panorama da mudança

na gramática do PB quanto a tais verbos.

Todavia, ainda ficariam a serem discutidos os fatores que condicionaram essa mudança na gramática do PB. A nosso ver, um caminho de investigação a ser seguido seria o de pensar nas questões de processamento como tendo um papel essencial nesse ponto. Segundo Kroch (2003. grifos nossos), isso não ocorre porque “não é proposto nenhum mecanismo causal que relaciona diretamente o problema do processamento [...] à mudança lingüística⁷⁹. Até que tal mecanismo tenha sido proposto, a conexão pressuposta entre processamento e mudança não pode ser avaliada”. Ora, a incorporação de um formalismo derivacional gerativista a modelos procedimentais, como o apresentado anteriormente, não poderia fornecer o elemento essencial a um tal mecanismo causal? Não seria essa uma possibilidade nova de investigação ao se buscar desvelar nos erros de desempenho um ponto aberto para a produção de dados dúbios que pudessem levar a uma mudança durante o processo de aquisição?

Tradicionalmente, essa possibilidade tem sido descartada, sobretudo porque se pensa que o desempenho só pode apresentar erros aleatórios⁸⁰, ou seja, pensa-se que o desempenho não pode vir a apresentar variação regular. Logicamente, se a variação no desempenho é irregular, aleatória, seus efeitos são “mutuamente canceladores” (Weinreich, Labov & Herzog, 2006: 44)⁸¹ e a mudança não pode ocorrer. No entanto, pressões procedimentais talvez possam ser fortes o suficiente para a produção de regularidades sistemáticas no desempenho. Essas e outras questões ficam para pesquisas futuras.

79 O autor fala, nessa passagem, especificamente do problema de processamento devido ao encaixamento central em algumas línguas, mas acreditamos que sua fala pode ser estendida para o problema do processamento em geral.

80 É a posição, por exemplo, de Weinreich, Labov & Herzog (2006: 60. grifos nossos) na passagem: “encontramos razões convincentes para modificar essa posição nos fatos confirmados de que *os desvios de um sistema homogêneo são todos eles erros aleatórios de desempenho*”.

81 No trecho citado, os autores estão se referindo às *falhas* no processo de aprendizagem. Segundo eles, se há falhas aleatórias nesse processo, seus efeitos não poderiam seguir uma direção específica e a mudança nunca ocorreria. Esse ponto pode ser facilmente aproximado à questão da variabilidade como parte do desempenho. Uma vez que é o desempenho linguístico o *input* para o processo de aprendizagem, variabilidade aleatória no desempenho não iria levar a qualquer mudança na competência, uma vez que, por ser aleatória, seus efeitos são mutuamente canceladores. Os autores citam especificamente a questão da variabilidade sistemática como parte do desempenho no trecho em que tratam dos gerativistas.